



APRESENTAÇÃO

Naira Pinheiro dos Santos*

O presente número da *Mandrágora* aponta, mais uma vez, para a pertinência de abordar as mais diversas correntes e tradições religiosas desde perspectivas teóricas feministas e de gênero. Como apontam Cibele Elisa Viegas Aldrovandi, Estela Piccin e Nirvana de Oliveira Moraes Galvão de França, organizadoras do dossiê contemplado neste número, *Budismo e Gênero: Diálogos e Pluralidades*, a questão de gênero atravessa as mais diversas tradições religiosas e não poderia ser diferente com o budismo. A relevância do dossiê consiste também no fato de que a articulação entre gênero e budismo é ainda pouco explorada no campo acadêmico no Brasil. O dossiê conta com sete artigos e uma resenha, através dos quais se evidenciam, em perspectiva interseccional, tanto as desigualdades quanto as lutas das mulheres budistas pela igualdade, tanto em contexto histórico quanto contemporâneo.

Além do dossiê o presente número contempla quatro artigos e uma resenha em outros temas. Os dois primeiros artigos problematizam e a resistência dos sujeitos LGBTQIAPN+ à exclusão e a afirmação do seu direito à religião, diante das incompatibilidades existentes entre correntes conservadoras de diversas perspectivas religiosas e gêneros/sexualidades transgressoras da moral hegemônica. No artigo *O cuidado de si: a espiritualidade artesanal de garotos transexuais*, John Elton Costa Santos e Maria Teresa Nobre analisam se, e de que maneira, as experiências religiosas de homens trans podem se constituir como meios para a

* Doutora em Ciências da Religião (UMESP), graduada em Administração de Empresas (FGV), membro do corpo editorial das revistas *Mandrágora* e *Estudos de Religião*, membro do grupo de pesquisa em gênero e religião *Mandrágora/NETMAL*, do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da UMESp.



formação de sujeitos livres, tendo em vista a aparente contradição entre os códigos morais religiosos e a “forma de existência transexual”. Para tanto, efetuaram pesquisa etnográfica junto ao “Coletivo Gênero”, um coletivo de homens trans na cidade de Manaus-AM, lançando mão também do conceito de “cuidado de si” de Michel Foucault. Os dados da pesquisa evidenciam, segundo xs autorxs, “que há um caminho que envolve a construção do cuidado de si por homens trans na experiência religiosa, configurando um *ethos* próprio, um caminho singular que afirma a verdade sobre experiência transexual na vida religiosa e esta não se limita a uma obediência à moral religiosa”. Concluem que “uma rica produção de outras religiosidades: novas imagens, releituras, reapropriações, metamorfoses, são elementos que indicam a criação de espaços de liberdade”. Uma liberdade que, contudo, “não está dada, ela é produzida no interior das próprias instituições religiosas a partir da criação e reapropriação do religioso”.

No artigo *Boy Erased: identidades LGBTQIAPN+ em contextos cristãos conservadores*, Tael Coutinho Leal analisa a situação das pessoas LGBTQIAPN+ que passam por terapias de conversão, tendo por base o relato autobiográfico de Garrard Conley em *Boy Erased*. O autor destaca que, além de ineficaz, tal terapia resulta, não raro, no abandono da fé. Ele aponta ainda que, se por um lado verifica-se a proliferação de igrejas inclusivas, “fruto de ações de afirmação de fé”, do direito ao pertencimento e à voz nos espaços de fé por pessoas LGBTQIAPN+, por outro lado igrejas conservadoras ao redor do mundo continuam a promover terapias de conversão, “através das quais se busca o apagamento e negação da personalidade, da orientação sexual”. Ele analisa “o papel da teologia queer na desconstrução deste impasse, seus limites, desafios e possíveis acertos”, bem como as implicações da dificuldade de diálogo entre perspectivas teológicas tradicionais e a teologia queer. Conclui que é através da “conversão em Cristo que as vivências sexuais e afetivas da comunidade LGBTQIAPN+ podem ser incluídas e ressignificadas dentro de uma teologia e de uma igreja que souberam entender este chamado e esta necessidade”.

Os dois últimos artigos deste número analisam, desde uma perspectiva histórica, o lugar das mulheres no cristianismo. No artigo inti-



tulado *Filipos: arqueologia e divindades femininas*, José Ademar Kaefer procura estabelecer, a partir da análise do sítio arqueológico da antiga cidade de Filipos, visitado *in loco*, e da narrativa de Atos 16,12-40, acerca do grupo de mulheres em oração junto ao rio Zigaktis, se não haveria conexão entre estas e o culto às divindades femininas, representadas nos relevos na encosta da acrópole. Além das figuras, imagens aí esculpidas levam o autor a levantar a hipótese de que um dos relevos- o da Deusa com a criança nos braços- poderia referir-se a Maria, com o menino Jesus. O autor conclui que, "além de revelar a pluralidade de divindades cultuadas na acrópole, característico da cultura greco-romana do mundo antigo, há uma prevalência do culto às divindades femininas, protetoras das mulheres, das mães e dos filhos". Finalizando, lança uma pergunta: estaria o grupo composto só de mulheres em oração junto ao rio "no mesmo plano do imaginário religioso das divindades femininas da encosta da acrópole?"

Em *Relações dialógicas entre demônios e santas: reflexões sobre o patriarcado e o lugar da mulher a partir da teologia da libertação*, Camila Vaz Abeche, Clarissa De Franco e Blanchés de Paula analisam o processo sistemático de apagamento das histórias de mulheres, a sua associação ao mal e a construção de mulheres como demônios e santas ao longo da trajetória histórica do cristianismo. Esta constitui uma forma de violência, na perspectiva das autoras, cujas consequências se fazem sentir ainda hoje e apontam a nocividade dessas representações para a saúde mental das mulheres. Entendendo a Teologia da Libertação como "uma possibilidade teórico-prática contra o patriarcado", propõem o recurso a uma vertente da psicologia da Libertação, como meio não apenas de desconstrução de crenças, mas também "no sentido de uma práxis que tenha como proposta uma reconfiguração cultural, não apenas uma nova consciência, mas uma mudança de paradigmas".

Finalizando este número, em *Uma obra necessária: "10 lições sobre Beauvoir"* Nilza Menezes e Fabio Fonseca do Nascimento apresentam a resenha do livro recém-publicado de Fernanda Lemos, *10 lições sobre Beauvoir*, escritora de referência para o feminismo.

Boa leitura!